



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

BACHARELADO EM LETRAS

KAMILA DOS SANTOS NASCIMENTO

**“FALE, TERRA, E ME ABENÇOE COM O QUE É MAIS RICO”:
A VOZ ZAMI DE AUDRE LORDE MANIFESTADA EM “LOVE POEM”**

SALVADOR

2023

KAMILA DOS SANTOS NASCIMENTO

**“FALE, TERRA, E ME ABENÇOE COM O QUE É MAIS RICO”:
A VOZ ZAMI DE AUDRE LORDE MANIFESTADA EM “LOVE POEM”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Língua
Estrangeira Moderna da Universidade
Federal da Bahia – UFBA, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Letras: Língua Estrangeira
Moderna ou Clássica.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Iglesias Quadrado.

**SALVADOR
2023**

KAMILA DOS SANTOS NASCIMENTO**“Fale, Terra, e me abençoe com o que é mais rico”:
A voz zami de Audre Lorde manifestada em “Love Poem”**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia– UFBA, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Estrangeira Moderna ou Clássica, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. - UFBA (Presidente)

Profa. - UFBA (Membro)

Prof. Dr. - UFBA (Membro)

Profa. - UFBA
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, que sempre me incentivou e apoiou. Agradecer a minha namorada, que esteve comigo durante todos os momentos, me ajudando, me dando forças e cuidando de mim. Agradecer aos meus amigos que confiaram em mim e me encorajaram. Agradecer ao meu orientador por me guiar até aqui e me ajudar nesse processo. Agradecer a mim mesma por nunca desistir.

RESUMO

Audre Lorde, renomada escritora, poeta e ativista, expressou-se de forma poderosa em suas obras, abordando questões de identidade, raça, sexualidade e feminilidade. Seu poema "Love Poem", publicado na década de 1970, é um exemplo marcante de sua poesia e marca uma virada de chave na vida da autora. Nele, Lorde desafia as convenções sociais e os estereótipos de gênero, celebrando o amor entre mulheres como algo rico e inclusivo. Utilizando metáforas poderosas, descreve esse amor como forças da natureza. A comparação do corpo feminino com a natureza é evidente, assim como o uso do erótico. Como mulher negra e lésbica, Lorde lança "Love Poem" como maneira de reafirmar a sua vivência e a sua luta. A justificativa deste trabalho é destacar o poema e sua importância simbólica na obra de Lorde como um todo, pois ele enfatiza a importância da autoaceitação e do encorajamento ao amor próprio. Além disso, "Love Poem" representa a coragem de Lorde em romper barreiras, resistir à opressão e convidar quem lê a obra a se libertar de amarras emocionais e sociais. Para a construção deste trabalho de conclusão de curso foram selecionados artigos e livros em diversos períodos de publicação entre pesquisas encontradas, indexados em idioma português e inglês.

Palavras-chave: Audre Lorde. Zami. Lesbianidade. Gênero. Erótico.

ABSTRACT

Audre Lorde, renowned writer, poet and activist, expressed herself powerfully in her works, addressing issues of identity, race, sexuality and femininity. Her poem "Love Poem", which was published in the 1970s, is a memorable example of her poetry and marks a key turning point in the author's life. In it, Lorde challenges social conventions and gender stereotypes, celebrating love between women as rich and inclusive. Using powerful metaphors, she describes this love as a force of nature. The comparison of the female body with nature is evident, as is the use of the erotic. As a black and lesbian woman, Lorde releases "Love Poem" as a way to reaffirm her experience and fight. The justification for this work is to highlight the author's poem and its symbolic importance in Lorde's oeuvre as a whole, as it emphasizes the importance of self-acceptance, and of encouragement to self-love. In addition, "Love Poem" represents Lorde's courage in breaking barriers, resisting oppression and inviting those who read the work to break free from emotional and social ties. For the construction of this course conclusion work, articles and books were selected in different periods of publication among searches found, indexed in Portuguese and English.

Keywords: Audre Lorde. Zami. Lesbianity. Gender. Erotic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 MULHER: FORÇA DA NATUREZA	08
1.1 UMA VOZ POTENTE: AUDRE LORDE VIVE!.....	08
1.2 A NATUREZA FEMININA	11
2 O SEXO ENTRE DUAS MULHERES	14
2.1 UM OLHAR SOBRE O EROTISMO ENTRE MULHERES	14
2.2 AUDRE LORDE E SEXUALIDADE	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXO	23
APÊNDICE A	24

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, adentrarei o universo da renomada autora Audre Lorde e explorarei seu contexto literário. Dedicarei especial ênfase ao seu poema "Love Poem" (1975), que será analisado ao longo do texto, e aos anos 1970, no qual ele está inserido. Analisarei a primeira estrofe mergulhando no objeto de estudo e abordando tópicos relacionados à exaltação da natureza feminina e ao corpo feminino, assim como a segunda e terceira estrofe, que trazem foco no erótico e no sexo entre mulheres.

Além de sua poesia, também explorarei as contribuições ensaísticas de Lorde, que complementam e enriquecem sua produção poética. Primeiramente, Audre Lorde foi uma escritora e ativista influente, cujas obras tiveram um impacto significativo na literatura e nas discussões sobre identidade, justiça social e feminismo. Ao explorar seu trabalho, é possível compreender melhor a importância de sua voz e a contribuição que ela trouxe para a literatura e para o ativismo.

Para mais, o tema da exaltação da natureza feminina e do corpo feminino é de grande relevância, especialmente em um contexto histórico marcado pela luta das mulheres por igualdade de direitos e pela valorização de sua identidade e autonomia. Ao analisar como Lorde aborda esses temas em sua poesia e ensaios, poderei obter insights valiosos sobre as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres e sobre a importância de celebrar e valorizar a diversidade feminina. Lorde nos convida e incentiva a refletir sobre essas questões e inspira a busca por um mundo mais inclusivo e igualitário. Portanto, falar de Lorde é compreender e valorizar sua contribuição, deliberar sobre as questões que ela levantou e como elas se relacionam com o mundo contemporâneo.

Nesse contexto, é abordada uma problemática quanto à hostilidade e os conflitos enfrentados por mulheres negras lésbicas, inclusive dentro de suas próprias comunidades. A autora denuncia que essa aversão é resultado de construções sociais impostas pelo sistema racista, no qual oprimidos também oprimem, favorecendo os grupos no poder. Também é ressaltado o problema da objetificação do corpo feminino, especialmente o corpo das mulheres negras, que são vítimas de estereotipificação e desumanização.

Por fim, a análise do poema "Love Poem" vem como forma de comparação, no decorrer do texto, ao que a autora conduz em sua vida como ativista e em suas obras, mostrando mais uma vez que o seu acervo continua relevante, pois muitas das questões que ela levantou em sua escrita ainda são pertinentes e atuais. Com isso, é fato que a construção do poema, a perspicácia da autora e a força da sua publicação denotam quão atemporal e necessária Audre Lorde é na sociedade.

1 MULHER: FORÇA DA NATUREZA

Neste capítulo, apresentarei a autora Audre Lorde e seu contexto na literatura, com ênfase nos anos 1970, no qual está inserido o seu poema “Love Poem” (ver LORDE, 1993). Analisarei também, neste momento, a primeira estrofe do poema citado. Para melhor imersão de quem está lendo em relação ao objeto de estudo, trago tópicos que se relacionam diretamente com o texto, como a exaltação da natureza feminina e o corpo feminino em pauta.

Além de recorrer à obra poética de Lorde, também farei diversas citações à sua produção ensaística, que complementa e suplementa o que a autora desenvolve em seus poemas. Ao comentar sobre seus ensaios, Lorde afirma que reconhece neles um potencial de diálogo intenso com sua própria produção em poesia e, também, com o de outras pessoas. Como introdução às conversas deste capítulo, cito a autora, em fala registrada em uma entrevista dada a Charles H. Rowell no jornal literário *Callaloo* em 1990:

Quando os ensaios finalmente aconteceram, cada um deles se parecia com um processo que consigo pensar somente nos termos da feitura de um poema. Aprendi muito com essa escrita. Eles se pareciam a buracos negros - estes pequenos, porém incrivelmente condensados pedaços de matéria. As ideias e os sentimentos e questões que surgem em cada um deles se proliferam em tudo o que já escrevi. Eles servem de ponto de partida para trabalhos posteriores; meus próprios e, espero, de outras pessoas¹. (ROWELL; LORDE, 2000, p. 60).

1.1 Uma voz potente: Audre Lorde vive!

No início da década de 1970, a escritora, poeta e ativista Audre Lorde estava no auge dos seus 36 anos. Nascida em Nova York, em uma família de imigrantes caribenhos, Lorde acabara de se divorciar e publicar o seu segundo volume de poesia, *Cables do Rage* (1970). Sua paixão pela escrita começou na infância, quando aos 12 anos de idade se tornou editora da revista literária de sua escola. Após uma professora de inglês rejeitar seu poema, Audre Lorde o enviou para a revista *Seventeen* e teve ali sua primeira publicação. Em sua formação, destacam-se a graduação em biblioteconomia na Universidade da Cidade de Nova York, que contou com um ano de estudo na Universidade Nacional do México, essencial para a criação de sua identidade e descobertas, e seu mestrado na Universidade Columbia.

¹ Trecho original, em inglês: “[W]hen the essays finally happened, each one of them felt like a process I think of only in terms of making a poem. I learned an enormous amount in the writing. They felt like black holes--these small, but incredibly condensed pieces of matter. The ideas and feelings and questions that are raised in each one of them proliferate through everything I have ever written. They serve as a take-off point for later work; my own, and, I hope, other people's.” Tradução minha. Todas as traduções foram feitas por mim, exceto quando indicado de outra maneira na seção Referências.

Nesse contexto e após esse ano decisivo de sua vida durante sua passagem ao México, Lorde se afirmou como mulher negra e lésbica - ou melhor, *zami*, como veremos a seguir - e principalmente como poeta, se tornando uma escritora ativa enquanto também ativista das pautas que carregava. Ela tornou-se renomada, notada e reverenciada por conta da riqueza de sua escrita, de sua bravura e coragem, pois traz em suas obras assuntos relacionados a racismo, misoginia, luta por direitos civis e lgbtobia, com ênfase na lesbofobia, que veio a enfrentar na pele. Diante de toda sua luta e de uma vida que não foi nada fácil, Lorde expõe essas vertentes de forma explícita. Sua obra toca diretamente na ferida, sem pudores, de maneira a dar visibilidade às suas batalhas.

A escritora e ativista estadunidense Angela Bowen (2003, p. 110) veio a comentar sobre o processo de escrita de Audre Lorde como o “entrelace deliberado de uma filosofia de poesia político-pessoal com uma pedagogia enraizada em implacável autoescrutínio; e um compromisso com o compartilhamento do desenlace desse escrutínio para o avanço de sua ideologia de verdade-em-poesia”²..

As suas obras refletem sua essência, vivência e potência. A sua voz sempre foi dissonante e mesmo assim ela se fez ser ouvida, mesmo em lugares em que não era comum haver uma voz como a dela. Como a própria Audre Lorde expõe em seu livro *Sister Outsider: Essays and Speeches* (1984), uma coleção de importantes ensaios e discursos, no capítulo intitulado “The Transformation of Silence into Language and Action”: “O fato de estarmos aqui e de eu falar estas palavras é uma tentativa de quebrar esse silêncio e superar algumas dessas diferenças que existem entre nós, pois não é a diferença que nos imobiliza, mas o silêncio. E há tantos silêncios a serem quebrados”³ (LORDE, 1984, p. 44).

Ademais, sua construção social como mulher negra e *zami*, uma palavra advinda de Carriacou, local de onde sua mãe imigrou, e que significa mulheres que trabalham juntas como amigas e amantes como sinônimo de resistência, e também sua atuação fiel contra misoginia, racismo e homofobia, se mostram determinantes principalmente em seus textos literários (ver LORDE, 1982). Tal expressão *zami* vem à tona e não só nomeia um de seus livros (*Zami: A New Spelling of My Name*, de 1982) como a nomeia por inteiro, sendo usado por diversas outras mulheres que se identificam com a cosmovisão carregada pela palavra. *Zami* vem também como contribuição na abordagem da complexidade de uma conversa sobre a lesbianidade. Dentre algumas vertentes de identificação, Lorde abraça especificamente a lesbianidade negra, a qual

² Trecho original, em inglês: “purposeful entwining of a personal/political philosophy of poetry with a pedagogy rooted in relentless self-scrutiny; and a commitment to sharing the outcome of that scrutiny to advance her truth-in-poetry ideology.”

³ Trecho original, em inglês: “The fact that we are here and that I speak these words is an attempt to break the silence and bridge some of those differences between us, for it is not difference which immobilizes us, but silence. And there are so many silences to be broken.”

Lorde se identificava. Sendo assim, *zami* segue a identificando e a traduzindo nesses espaços, mostrando que o amor também se faz presente nesse termo, e não é só a sexualidade.

A lesbianidade da década de 1970 e a atual são tão diferentes como são iguais. De acordo com o site Dicionário Informal, a lesbianidade se define como apenas mulheres que amam e/ou sentem atração sexual por outras mulheres (2019), o que não difere tanto do termo *zami*, abraçado por Lorde, mas o limita. O contexto em que as obras de Lorde estão expostas e o termo *zami* trazem exatamente o que "Love Poem", o poema estudado, propõe: o acompanhamento de um ato de amor entre duas mulheres. Esse termo também aparece na vida de Lorde como a sua autodenominação em público e traz força para sua história.

O seu livro *Zami: A New Spelling of My Name*, denominado por ela como uma *biomythography*, ou biomitografia em português, combina história, mito e biografia em um gênero de escrita que ressalta tudo o que Lorde acredita. Suas experiências, suas memórias aparecem em um livro devotado para as mulheres de sua vida e que expõe as que trabalharam junto a ela como amigas e amantes, salientando o próprio termo que lhe dá título. Em um trecho, Lorde expõe a grandiosidade de *zami* ao dizer: "Mulheres que sobreviveram facilmente à ausência de seus marinheiros, porque passaram a se amar, mesmo após o retorno dos homens. Madivina. Amizade. Zami. Como as mulheres Carriacou se amam é uma lenda em Granada, assim como sua força e beleza"⁴ (LORDE, 1982, p. 14).

Apesar de ser uma lenda em lugares como Granada, Audre Lorde já vinha evidenciando a existência e a força desse amor entre mulheres que a moldou. O termo *zami* traz à tona parte do processo identitário de reconhecimento de Lorde, assim como um processo identitário de mulheres que a leem, que a conhecem, e que se reconhecem em *zami*. O poema a ser estudado serve como uma impressão, como uma continuidade, ou até mesmo um firmamento do que Lorde já expunha ao determinar *zami* como uma denominação sua. Todo o processo de amor entre mulheres passará pelas linhas escritas por ela no poema, de forma que tal lenda, algo tido como uma fantasia ou uma ilusão, seja finalmente reconhecida como algo real, algo existente, dando voz e visibilidade a um amor que muitas vezes é negado na sociedade, o legitimando e celebrando como, até mesmo, forma de sobrevivência das mulheres.

E embora essa lenda perpassasse as barreiras de Granada em diversos contextos, é nítido o fato de que há a necessidade de uma quebra de percepções que a própria Lorde expõe e enfrenta. Como uma forma de amor, desde a década de 1970 até os dias atuais, tanto em Granada como nos Estados Unidos ou no Brasil, seria tão mal visto e mal quisto, principalmente entre os seus semelhantes, os

⁴ Trecho original, em inglês: "Women who survived the absence of their sea-faring men easily, because they came to love each other, past the men's returning. Madivine. Friending. Zami. How Carriacou women love each other is legend in Grenada, and so is their strength and their beauty. "

seus iguais, que vivenciam a indiferença e a insensibilidade de perto? Em sua obra *Sister Outsider: Essays and Speeches*, no capítulo intitulado “Scratching the Surface: Some Notes on Barriers to Women and Loving,” Lorde expõe sua angústia, relacionando-a principalmente à hostilidade contra mulheres negras lésbicas, em meio à comunidade em que estão inseridas. Lorde (1984, p. 49) diz:

A lésbica negra está sob crescente ataque de homens negros e mulheres negras heterossexuais. Na mesma maneira que a existência da mulher auto definida negra não é ameaça ao homem auto definido negro, a lésbica negra é uma ameaça emocional apenas para aquelas mulheres negras cujos sentimentos de parentesco e amor por outras mulheres negras é problemático, de alguma maneira.⁵

Dito isso, Lorde escancara que esse problema atinge a própria comunidade negra e denuncia uma situação ainda maior, pois lida com o afeto que a comunidade foi criada a não ter. Lorde enfrenta essas criações e estereótipos na sua fala, trazendo à tona que isso foi implantado pelo sistema racista imposto, em que o próprio oprimido oprime também, fazendo com que a desunião de minorias seja vantajosa para os grupos que estão no poder. Porém, independentemente de todo esse processo de hostilidade, aversão, e até mesmo repressão, Lorde não se deixa abater e muito menos se esconde. O objeto de estudo "Love Poem" é mais que uma prova de que ela não iria se calar: ele é um ato de resistência e de quebra de barreiras.

1.2 A natureza feminina

A comparação da mulher com a natureza acontece no Brasil e no mundo em músicas, livros, filmes, entre outras produções culturais. Muitas vezes o corpo feminino adquire essa comparação graças a sua capacidade de gerar uma vida, de se transformar quando necessário, pela sua fertilidade, algo em comum com a própria terra. Ademais, esse corpo passa também por ciclos, mudanças e fases, algo simbólico dos elementos naturais. Desde ser mãe ou apenas ser mulher, essa comparação com a natureza é exposta em forma de reverência, em algumas vezes. Na primeira estrofe de “Love Poem,” Audre Lorde deixa isso escancarado, trazendo a comparação de forma mais explícita possível, com analogias que reverberam aquelas comumente utilizadas em sociedade.

Tais analogias da primeira estrofe vêm de forma sutil, trazendo a imagem singela de uma mulher entre as formas de natureza:

⁵ Trecho original, em inglês: “*The Black lesbian has come under increasing attack from both Black men and heterosexual Black women. In the same way that the existence of the self-defined Black woman is no threat to self-defined Black man, the Black lesbian is an emotional threat only to those Black women are problematic in some way.*”.

Fale, Terra, e me abençoe com o que é mais rico
 faça o céu derramar mel dos meus quadris
 rígidos como montanhas
 espalhadas por um vale
 esculpido pela boca da chuva. (APÊNDICE A)

Salientando que os quadris do eu lírico do poema são rígidos como montanhas em um vale esculpido pela boca da chuva, Lorde apresenta um corpo feito naturalmente, fruto de toda grandeza da terra. O corpo da mulher é retratado como uma montanha, em que suas formas foram pensadas e esculpidas por uma força da natureza, com o que é mais rico. Lorde já informava sobre esse tópico no prólogo de *Zami: A New Spelling of My Name* (1982, p. 7), afirmando: “Mulher para sempre. Meu corpo, uma representação viva de outra vida mais velha, mais sábia. As montanhas e vales, árvores, rochas. Areia e flores e água e pedra. Feito na terra”. Esse também é o corpo que a própria retrata em seu poema, um corpo real de uma mulher.

Esse corpo real é repleto de curvas, silhuetas, formas e belezas, tal qual a natureza. Ao expressar os vales e montanhas, a autora traz essas simbologias perfeitamente criadas e moldadas. Em um ambiente inóspito, onde o corpo da mulher é muitas vezes julgado, pôr em paralelo mulher e natureza é em si um ato de revolução, dado que isso é empoderador; uma segurança à mulher, ao feminino e mostra que esse corpo pode, simplesmente, ser. Isso é revolucionário pois desafia as noções tradicionais de beleza socialmente construídas, incentivando as mulheres a se verem belas como são naturalmente, a cultuarem o seu corpo; a se amarem pois são dignas de celebração.

A comparação abordada do corpo feminino com as formas e curvas da natureza nos faz refletir que cada corpo é uma criação singular, digna de respeito e admiração, como é feito pela autora. Os vales e as montanhas da natureza são moldados e esculpidos pela força da própria Terra e do tempo, assim como o corpo da mulher é moldado por suas experiências, pela sua história e pelos seus genes. Ao enxergar o corpo da mulher comparado à natureza, a autora nos conecta com uma força maior e nos lembra da importância de celebrar e respeitar esse corpo.

Em contrapartida, ter o “corpo violão” já não mais comparado à natureza, mas sim às curvas femininas como algo comparado e criado pelo homem, também é algo um tanto quanto sensível nessa sociedade. A sexualização em corpos característicos a este tipo é uma realidade nefasta, em que mulheres são atormentadas e, muitas vezes, tomadas de sua liberdade por apresentarem-se de modo objetificado. Um fato como esse é ambíguo, pois mulheres são glorificadas por terem um corpo sexualizado pelo grande público e julgadas negativamente pelo mesmo motivo, mostrando que o corpo feminino está em pauta para julgamento em qualquer forma, tipo e proporção.

Essa idealização de forma sexualizada do corpo feminino contém consequências negativas, levando as mulheres a terem questões com a própria imagem, a fazerem mudanças drásticas na aparência devido à queda de sua autoestima, entre outros meios usados para se enquadrar em um

padrão e serem menos estigmatizadas. Para além dessa constatação inicial, os corpos de mulheres pretas são as maiores vítimas da sexualização agressiva. Não bastasse terem historicamente o seu corpo escravizado, explorado e desumanizado, as mulheres pretas atualmente têm seu corpo controlado e objetificado, colocado apenas como forma de prazer pelo estrato cis e heteronormativo de sociedades marcadas pela hipocrisia. A autora Margaret Kissam Morris (2002, p. 176), no texto intitulado “Audre Lorde: Textual Authority and the Embodied Self” afirma:

Na sociedade americana dominante, a autorização para falar sobre envelhecimento, doença e morte em termos do corpo feminino pertence tradicionalmente aos homens, e mais recentemente para as mulheres, em uma capacidade profissional, “objetiva”. No entanto, uma mulher fazendo declarações públicas sobre a falta de sua mama e sua história sexual ou sobre o uso da masturbação como parte do processo de cura – tudo isso não há precedentes que venham à mente. Além disso, brancos americanos, tradicionalmente, se apropriaram da autoridade para definir a natureza sexual de negras.⁶

Trazendo isso à tona, é nítida a forma que o corpo feminino é visto pela sociedade americana, o que reverbera para outros lugares do mundo. Essa tal liberdade ilusória que a mulher é levada a acreditar, e que serve apenas como distração ou alimento para o que a sociedade espera dela, serve apenas para contestar pontos que a própria autora vem a introduzir em suas obras. O processo que Lorde traz na primeira estrofe vem em contrapartida a essa infeliz realidade, trazendo de volta esse corpo como algo belo e ligado ao mundo natural, de forma com que ele seja apreciado, tal qual gotas de chuva no fim de uma tarde.

Lorde usa a primeira estrofe para inserir a pessoa que está lendo no seu poema, de forma a ambientalizá-la para o que está por vir. Ao estabelecer essa atmosfera inicial, Lorde usa recursos poéticos que conectam o corpo do eu lírico à grandiosidade da natureza, inserindo quem está lendo nesse ambiente contemplativo. Essa abordagem da primeira estrofe também contrasta com as questões problemáticas e as lutas que mulheres negras lésbicas enfrentam, pois apresenta uma suavidade, principalmente ao que está por vir. A meio de comparação, a primeira estrofe é calma, é singela, entrega a mensagem de forma sutil; é para ser consumida e apreciada, degustada de forma serena, pacífica. Esse mecanismo faz com que haja uma contemplação da obra, do corpo do eu lírico e do que a autora quer trazer.

⁶ Trecho original, em inglês: “*In mainstream American society, authorization to speak about aging, disease, and death in terms of the female body has traditionally belonged to men, and more recently to women, in a professional, “objective” capacity. However, a woman making public statements about her own missing breast and its sexual history or about her use of masturbation as part of the healing process- all this has no precedent that comes readily to mind. Furthermore, American whites have traditionally appropriated the authority to define the sexual nature of blacks.*”.

2 O SEXO ENTRE DUAS MULHERES

O sexo entre duas mulheres gera inúmeras reações. Para algumas, prazer; para outros, incômodo. Neste capítulo, a abordagem da sexualidade e do sexo em si vem à tona como um processo principal e característico do objeto deste estudo. A autora Audre Lorde, lésbica e consciente, entrega, de maneira perspicaz, uma nota de prazer feminino na primeira parte de "Love Poem" em uma estrofe de dez linhas.

Abaixo trazemos uma citação que anuncia as intenções de Lorde, em fala da autora em entrevista concedida em 1990, que adota um tom próximo ao de um manifesto:

Sou uma Negra, Lésbica, Feminista, guerreira, poeta, mãe fazendo o meu trabalho. Eu sublinho essas coisas, mas elas são somente alguns dos ingredientes que sou. Há muitos outros. Eu puxo esses porque, por várias razões, eles são aspectos de mim sobre os quais muita gente teve muito a dizer, de um jeito ou de outro. A minha sexualidade é parte e parcela de quem eu sou, e minha poesia vem dessa interseção entre mim e meus mundos. Não há nada obsceno em relação ao meu trabalho. A objeção [dos conservadores] ao meu trabalho não tem a ver com obscenidade, no entanto; ou mesmo a ver com sexo. Ela está ligada a revolução e mudança. É a isso que minha escrita serve.⁷ (ROWELL; LORDE, 2000, p. 61)

2.1 Um olhar sobre o erotismo entre mulheres

O erótico e o prazer sexual não são tópicos vistos com bons olhos por uma parcela da sociedade ocidental ou ocidentalizada, seja ela estadunidense, brasileira ou de outros lugares do mundo. Em alguns círculos, não se pode falar ou discutir esses assuntos sem causar desconforto, o que se deve a fatores religiosos, morais e/ou culturais que formam o comportamento das pessoas no decorrer do tempo. A falta de aceitação e compreensão desses temas afeta diretamente a população inserida em um contexto de repressão, principalmente pelo fato do erotismo fazer parte da experiência humana, ou seja, é algo natural, inescapável e que não deveria ser reprimido.

Nesse âmbito, a segunda estrofe de "Love Poem" detém uma imensidão de sexo explícito. Audre Lorde explora essas nuances sem o pudor em que a primeira estrofe é astuciosamente proposta. Ela expõe o erotismo entre duas mulheres para um público lesbofóbico na década de 1970, sem temer. As cenas descritas por ela nesse poema retratam o sexo tão detalhadamente e de maneira imagética, trazendo o choque e a excitação ao mesmo tempo, de modo que o erotismo fique evidente.

⁷ Trecho original, em inglês: "I am a Black, Lesbian, Feminist, warrior, poet, mother doing my work. I underline these things, but they are just some of the ingredients of who I am. There are many others. I pluck these out because, for various reasons, they are aspects of myself about which a lot of people have had a lot to say, one way or another. My sexuality is part and parcel of who I am, and my poetry comes from the intersection of me and my worlds. There is nothing obscene about my work. [The conservatives'] objection to my work is not about obscenity, however; or even about sex. It is about revolution and change. That is what my writing serves."

Sobre o erótico, em seu livro *Sister Outsider: Essays and Speeches*, Lorde (1984, p. 53) afirma no capítulo intitulado “Uses of the Erotic: the Erotic as Power”: “O erótico é um recurso dentro de cada uma de nós que se encontra em um plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nosso sentimento não expresso ou não reconhecido.”⁸ Ao abordar esse trecho, é possível diagnosticar que o erótico está nesse lugar obscuro, escondido, entretanto cada uma de nós coexiste com ele. Ele está em nós e, ao suprimi-lo, viramos reféns de uma sociedade e de nós mesmas.

É importante ressaltar que o erótico não é apenas o sexo e está em um lugar muito diferente de grande parte da indústria da pornografia, que explora a objetificação do corpo feminino ou do papel que as mulheres são impostas a apresentar com a sua sexualidade em sujeição à cisheteronormatividade. O erótico é expressão de si mesma, é libertação, é reconhecimento próprio. Segundo Lorde (1978, p. 53): “O erótico é uma medida entre os primórdios de nosso senso de identidade e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um sentimento interno de satisfação ao qual, quando o experimentamos, sabemos que podemos aspirar”⁹. Ou seja, a mais forte satisfação. Em “Love Poem” é vista essa tal liberdade na sua segunda estrofe.

Ao expor tal erotização nas dez linhas da segunda estrofe do poema, vemos o lado sem contenção que Lorde almeja chegar. A proposta convidativa coloca quem lê nesse lugar submerso em prazer e satisfação, sem possível escape. Uma vez nesse lugar, quem lê não consegue parar, ou não quer parar. A provocação é maior que o preconceito ou temor que essas linhas poderiam causar. Lorde (1982, p. 7) expõe no prólogo de *Zami: A New Spelling of My Name*:

Eu gostaria de entrar em uma mulher do jeito que qualquer homem pode, e ser penetrada - sair e ser deixada - ser quente, e dura, e macia, tudo ao mesmo tempo na causa do nosso amor. Eu gostaria de dirigir para a frente e, outras vezes, descansar ou ser dirigida. Quando eu sento e brinco nas águas do meu banho, adoro sentir as partes mais profundas de mim, deslizando e dobradas, e macias e profundas. Outras vezes, eu gosto de fantasiar a essência disso, minha pérola, uma saliente parte de mim, dura, e sensível e vulnerável de uma maneira diferente.¹⁰

Ao expressar isso, Lorde confirma o que foi dito em “Love Poem” sobre o sexo e o poder de ser e fazer, sem distinções:

⁸ Trecho original, em inglês: “*The erotic is a resource within each of us that lies in a deeply female and spiritual plane, firmly rooted in the power of our unexpressed or unrecognized feeling.*”

⁹ Trecho original, em inglês: “*The erotic is a measure between the beginnings of our sense of self and the chaos of our strongest feelings. It is an internal sense of satisfaction to which, once we have experienced it, we know we can aspire.*”

¹⁰ Trecho original, em inglês: “*I would like to enter a woman the way any man can, and to be entered—to leave and to be left—to be hot and hard and soft all at the same time in the cause of our loving. I would like to drive forward and at other times to rest or to be driven. When I sit and play in the Waters of my bath I love to feel the deep. Other times I like to fantasize the core of it, my pearl, a protruding part of me, hard and sensitive and vulnerable in a different way.*”

E eu sabia que quando entrei nela, eu era
 como um vento forte nas suas florestas vazias
 dedos sussurrando som
 mel derramado
 do copo rachado
 empalado em uma lança de línguas
 na ponta dos seus seios e seu umbigo
 e minha respiração
 uivando em suas entradas
 através dos pulmões doloridos. (APÊNDICE A)

O que expressa que esse desejo foi realizado. Todas as formas de amor que ela propõe, tanto no poema quando na parte do livro citada, são formas que a mulher se reconhece, se transforma e se mergulha em prazer.

O autoamor é um processo essencial para uma relação saudável e amorosa consigo mesma, e no contexto da mulher lésbica, desempenha um papel significativo na jornada de autodescoberta e aceitação. É reconhecível que a lesbianidade se encontra nas falas de Audre Lorde por esse desejo constante de desejar e ser desejada, algo que o erótico impõe como sendo ato de liberdade. O desejo nada mais é que um sentimento profundo que nos toma. À medida que uma mulher lésbica se conecta mais profundamente consigo mesma e com seu corpo, ela se entende melhor e pode explorar intimamente diferentes corpos femininos, abrindo caminho para que o prazer, a conexão e o sexo sejam explorados. A jornada de autodescoberta de Lorde traz consigo uma intensidade de exploração e celebração em sua plenitude.

Tudo em torno do erótico definido por Lorde o contrapõe com o silenciamento vivenciado por mulheres, principalmente mulheres pretas. A liberdade, expressão permitida pelo erótico e por ele potencializada, vem em embate contra as formas variadas e, às vezes, sutis de silenciar o corpo feminino. Pensando em lesbianidade, o silenciamento é potencializado, visto que é encarado como forma latente de um preconceito enraizado na sociedade. Em seu texto intitulado "The Transformation of Silence into Language and Action" (1977), Lorde debate a necessidade de finalizarmos esse silêncio imposto e encoraja na transformação da expressão de nós mesmas, nossos corpos e nossas vozes em ação. Lorde defende que a escrita de poesia seja um ato de dar vazão e eco a essas vozes silenciadas. Agir - e escrever - de acordo com o que sente, adentrando em um local subversivo de si mesma e, mais uma vez, usando do erótico como forma de movimentação. A poesia é a amplificação, a exteriorização do que se sente, o que se deseja em ações corporais que lutam para não serem subjugadas e, em alguns contextos, apagadas da história.

Apesar do fato de que o silenciamento é gritante, e ainda trazendo o erótico como forma de aniquilar esse silêncio, é importante salientar pontos decorrentes dessas movimentações. O corpo da mulher está relacionado e caracterizado a algo submisso, sem emancipação, sem voz.

Entretanto, o corpo da mulher preta está relacionado ao desejo, porém não de si própria mas sim servindo ao desejo de outros. Relativizando as formas como mulheres são definidas por construções sociais e como todas, em seu papel, são silenciadas, ainda há uma distinção entre como elas podem abordar suas sexualidades com o mundo. A mulher preta tem o “poder” de agir corporalmente, enquanto a mulher branca não é vista pela sociedade como sendo apenas um corpo. O papel de submissão se difere em determinado momento, não em seu significado, mas em sua forma de ação.

Na década de 1970, tempo histórico em que se ambienta o poema “Love Poem,” o erótico vinha sendo trabalhado mundo afora em diferentes manifestações culturais. No Brasil, por exemplo, o fenômeno da pornochanchada vem com a premissa de expor o erótico, mas carrega consigo uma linguagem sexista e simplificadora em tempos de ditadura. O conceito de erótico é distanciado dos ideais de Lorde e o que é mostrado é apenas a objetificação de mulheres para um público faminto por isso, reforçando ideais heteronormativos. Já em “Love Poem,” o sentido do erótico é visto na sua forma mais simples de significado: como libertador. Como exprimido, em uma produção sem objetificação e, de maneira igualmente importante, sem pudor. Escrito por uma mulher, sobre duas mulheres. Sem precisão alguma de chocar, mas chocando, com um objetivo claro de contar uma história sobre um desejo externado, sobre mulheres fazendo amor para além do sexo, mas também com o sexo.

2.2 Audre Lorde e sua sexualidade

A autora Audre Lorde, após anos de reconhecimento e crescimento pessoal, se posicionou na cena literária e cultural americana como mulher negra lésbica, uma construção que leva um deliberado tempo para ser assumida. Tal atitude foi para Lorde, e para muitas outras mulheres lésbicas, uma libertação significativa, tanto interna quanto externamente. Apesar da tentativa de parte de alguns setores da sociedade e do sistema literário de descredibilizá-la por conta da sua sexualidade, Lorde foi honesta consigo mesma e se abriu com o mundo. Em suas palavras: “Falar abertamente era um mecanismo de defesa para mim mesma - assim como publicar 'Love Poem' no MS. Magazine em 1971, e trazê-lo e colocá-lo na parede do Departamento de Inglês”¹¹ (RICH; LORDE, 1981, p. 727). Dito isso, Lorde expõe uma necessidade de se mostrar como mulher lésbica, principalmente após a escrita de um poema onde fala abertamente sobre a lesbianidade.

Muito do que se lê nas obras de Lorde demonstra o que ela é, o que ela sente e o que ela vive. Se expressar é mais que um ato, é uma necessidade, e isso se torna nítido durante todos esses anos de muitos textos transformados pela poeta. Não diferente seria a abordagem da sua

¹¹ Trecho original, em inglês: “*Speaking up was a protective mechanism for myself –like publishing “Love Poem” in MS. Magazine in 1971 and bringing it in and putting it up on the wall of the English department.*”

sexualidade se perpetuando também em suas obras, a sua vivência escancarada e reconhecida. Em “Love Poem” esse processo está nítido, explícito e apreciado de forma inefável, um processo em que a autora apenas se delicia ao pensar e agir de certa maneira. Todo ele vem trazendo essa narrativa de amor, de paixão, mostrando para o mundo o sentido de apreciação. Esse poema se perpetua para que Lorde possa trazer esses aspectos da sexualidade como parte de sua história, denotando um novo termo expressivo, para que haja certo reconhecimento consigo mesma e com o mundo.

No ano de 1973, Audre Lorde tentava publicar "Love Poem" pela primeira vez, abordando a homossexualidade feminina e o amor entre duas mulheres, exaltando o corpo feminino. No entanto, essa tentativa não obteve sucesso visto que seu editor Dudley Randall informou que havia algo de errado com os pronomes, pois eram sempre femininos, e que isso podia confundir o leitor. Em uma entrevista para Adrienne Rich, Lorde diz: “Meu editor ligou e literalmente disse que não entendia as palavras de “Love Poem.” Ele disse: “Bom, o que é isso tudo, você deveria ser um homem”? E ele era um poeta! E eu disse: “Não, eu estou amando uma mulher.”¹² (RICH; LORDE, 1981, p. 727). Entretanto, houve a publicação sem qualquer revisão sugerida pelo seu editor, e o poema encontrou o público em 1975. Ao publicá-lo, percebe-se que Lorde sustenta o que defende, e que nenhuma rejeição ou impasse que a época propunha iria abalar suas obras e sua pessoa.

Em entrevista ao jornal literário *Callaloo*, ela expõe: “Minha sexualidade é parte de quem eu sou, e minha poesia vem da intersecção entre mim e meus mundos. Não há nada obsceno sobre o meu trabalho”¹³ (ROWELL; LORDE, 2000, p. 61). Lorde traz assim a personificação da luta em que ela estava engajada, sem negação ou medo, em um contexto hostil e até mesmo perigoso. Além disso, ao ser questionada sobre a relação da sua arte com a sua sexualidade nessa mesma entrevista, Lorde responde: “Agora, o que minha sexualidade tem a ver com minha escrita? Eu acredito no poder do erótico. O que meu sangue, meu coração ou meus olhos têm a ver com minha escrita? Todos eles são inseparáveis”¹⁴ (ROWELL; LORDE, 2000, p. 61). A poeta pontua mais uma vez a dimensão do erótico e em como ele se faz necessário em seus textos.

Mesmo com todo o estigma da sociedade e desprezo da própria comunidade em que está inserida, Lorde apresenta “Love Poem” para o mundo, se firmando como escritora lésbica também. Na entrevista citada acima, mais uma vez, Lorde traz o preconceito inserido no meio literário da época, citando:

¹² Trecho original, em inglês: "My publisher called and literally said he didn't understand the words of "Love Poem." He said, "Now what is this all about, are you supposed to be a man?" And he was a poet! And I said, "No, I'm loving a woman."

¹³ Trecho original, em inglês: "My sexuality is part and parcel of who I am, and my poetry comes from the intersection of me and my worlds. There is nothing obscene about my work."

¹⁴ Trecho original, em inglês: "Now, what does my sexuality have to do with my writing? I believe in the power of the erotic. What does my blood, or my heart or my eyes have to do with my writing? They are all inseparable.."

Certamente, na comunidade literária negra em particular, nós que somos escritoras negras lésbicas, somos frequentemente, como Barbara Smith disse recentemente, com sua sagacidade e precisão característica, “a 13ª fada.” Quem é a 13ª fada? Essa é a madrinha que sempre é esquecida, que não é convidada para o baile ou que é convidada tarde demais. Escritoras negras lésbicas são, muito frequentemente, a 13ª fada nas artes negras. (ROWELL; LORDE, 2000, p. 63).¹⁵

A despeito disso, Lorde expressa que apesar de ser difícil ser lésbica na comunidade negra, estar no armário é ainda mais difícil (1984). Em “Love Poem” ela destrói o armário, e mantém a lesbianidade latente e explícita no seu texto, mesmo com a negativa inicial vinda do seu editor e de outros críticos que estavam dispostos a atacá-la, sem precedentes plausíveis. Ao declarar no poema que “entrou nela”, deixando visível o feminino, e com isso o sexo entre duas mulheres que está ocorrendo, o poema ganha força. É forte a reivindicação que a indicação ao feminino traz para a cena.

A segunda estrofe do poema evoca uma imagem poderosa e intensa dessa conexão íntima, retratando a experiência sexual com muita intensidade e prazer. A descrição é visceral e quase imagética, com referências às partes íntimas da mulher com metáforas e uma fusão de sentidos. O eu lírico invoca a Terra, clamando por uma bênção que seja rica, e recebe essa bênção da melhor forma. A última estrofe finaliza o poema deixando clara a sensação de desejo insaciável, da vontade de dar continuidade ao que foi feito, de se entregar repetidamente:

Gulosa como gaivotas
ou uma criança
eu balanço sobre a terra
de novo
e de novo. (APÊNDICE A)

¹⁵ Trecho original, em inglês: “Certainly, in the Black literary community in particular, those of us who are Black Lesbian writers are frequently, as Barbara Smith recently said with her characteristic wit and pointedness, “the 13th Fairy.” Who’s the 13th Fairy? That is the godmother who is always forgotten, who is not invited to the ball, or invited too late. Black Lesbian writers are very frequently the “13th Fairy” of Black arts.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito não é algo atual nem muito menos algo que findará em poucos anos, entretanto é algo que vem sendo combatido de diversas formas. Ao recortar para a lesbofobia, preconceito contra mulheres lésbicas, vemos um ponto ainda maior a ser discutido. Além de sofrer com a homofobia, o medo, a perseguição e os ataques constantes vindos de pessoas sem escrúpulos, mulheres lésbicas sofrem de uma objetificação altamente perpetuada pela pornografia massificada e cisheteronormativa. Ao colocar em paralelo a década de 1970 com os dias atuais é perceptível que há uma diferença positiva quanto ao preconceito vivenciado. A tentativa de censura que Audre Lorde presenciou não foi erradicada atualmente, mas foi diminuída. É uma luta constante e árdua que Lorde batalhou com maestria e fez com que as suas sucessoras encontrassem nela uma via para diálogo com sua arte e seu ativismo.

Arrematando a discussão relacionada à sua existência, pontuando sua história de vida, forma de pensar e posicionamentos, é seguro falar que Audre Lorde sempre será e estará presente. Apesar de um final de vida árduo, seu legado é potente demais para ser algo passageiro. O termo *zami* reverbera as fronteiras de Carriacou, Granada e vem ao globo como forma de reconhecimento e protesto. O poema analisado deixa exposta toda a vivência da poeta e de suas descobertas, seus desejos e anseios, narrando esse amor intenso e erótico, expondo o seu íntimo e não se abstendo de sua luta constante.

Suas obras foram e são reverberadas desde o início da atuação de Lorde no meio poético até os dias atuais, e são símbolos das bandeiras identitárias que a autora carrega. Uma poeta atemporal, visto que muitas das pautas defendidas pela autora, em sua luta, ainda se fazem necessárias, ainda são extremamente importantes e ainda precisam ser defendidas, pois apesar do tempo passado desde o surgimento de Lorde, muitas pessoas ainda persistem em negar a complexidade da existência de pessoas pretas, de mulheres e de pessoas LGBTQIAP+.

Seu trabalho e contribuições para a literatura, o feminismo e a luta contra a opressão continuarão a inspirar e influenciar as gerações vindouras. Sua coragem, voz e perspectiva únicas perduram a ser um guia para aqueles que buscam igualdade, justiça e liberdade. Audre Lorde deixou um legado duradouro. E sua influência vive muito além de sua vida, continuando a influenciar as lutas e os sucessos daqueles que a seguiram. “Love Poem”, assim como muitos de seus poemas, apenas deixam claro para o mundo o que Lorde quer dizer, de forma sincera e sem amarras.

Através da sua postura de resistência, de seu amor próprio e do voto de solidariedade, moldam-se os movimentos feministas e em prol de direitos humanos em todo o mundo - e não somente com as pautas diretamente relacionadas à poeta. Audre Lorde demonstra a importância das vozes individuais e coletivas e de seus encontros, já que encorajou os nossos a abraçar a

autenticidade e a lutar por uma sociedade mais igualitária. Sua vida e obra são lembretes poderosos de que a mudança social requer coragem, perseverança e empatia.

REFERÊNCIAS

BOWEN, Angela. **Diving into Audre Lorde's "Blackstudies"**. *Meridians*. Vol. 4, No. 1. (2003), P. 110. Disponível em: [Diving into Audre Lorde's "Blackstudies" on JSTOR](#). Acesso em: 30 abr. 2022.

DICIONÁRIO INFORMAL. Rio de Janeiro: Luísa Caron, 2019. Disponível em: [Lesbianidade \(dicionarioinformal.com.br\)](#). Acesso em: 18 abr. 2022.

LORDE, Audre. **Above the Wind: An Interview with Audre Lorde**. Entrevista concedida a Charles H. Rowell. *Callaloo*, Vol. 23, No. 1, p. 60-61, 2000. Disponível em: [Above the Wind: An Interview with Audre Lorde on JSTOR](#). Acesso em: 23 abr. 2022.

LORDE, Audre. **An Interview with Audre Lorde**. Entrevista concedida a Adrienne Rich. *Signs*, Vol. 6, No. 4, P. 727, (Summer, 1981). Disponível em: [An Interview with Audre Lorde on JSTOR](#). Acesso em: 30 abr. 2022.

LORDE, Audre. Love Poem. *In: Undersong: Chosen poems old and new*. Nova Iorque: WW Norton, 1993.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. Berkeley, CA: Ten Speed Press, 2007.

LORDE, Audre. **Zami, a new spelling of my name**. Estados Unidos, Persephone Press, 1982.

MORRIS, Margaret Kissam. **Audre Lorde: Textual Authority and the Embodied Self**. *Frontiers: A Journal of Women Studies*. Vol. 23, No. 1. (2002), P. 176. Disponível em: [University of Nebraska Press on JSTOR](#). Acesso em: 19 abr. 2022.

RASHEDI, Roxanne Naseem. **Deconstructing The Erotic: A Feminist Exploration Of Bodies & Voice In Audre Lorde, Lucille Clifton, Nella Larsen, And Toni Morrison**. Washington, DC: Proquest, 2011.

SMITH-CRUZ, Shawn(ta). **Referencing Audre Lorde**. Nova Iorque: CUNY Graduate Center Publications and Research, 2018.

ANEXO

Love Poem

By Audre Lorde

Speak earth and bless me with what is richest
make sky flow honey out of my hips
rigid as mountains
spread over a valley
carved out by the mouth of rain.

And I knew when I entered her I was
high wind in her forests hollow
fingers whispering sound
honey flowed
from the split cup
impaled on a lance of tongues
on the tips of her breasts on her navel
and my breath
howling into her entrances
through lungs of pain.

Greedy as herring-gulls
or a child
I swing out over the earth
over and over
again.

APÊNDICE A

"Poema de amor", por Audre Lorde Tradução por Kamila Nascimento

Fale, Terra, e me abençoe com o que é mais rico
faça o céu derramar mel dos meus quadris
rígidos como montanhas
espalhadas por um vale
esculpido pela boca da chuva.

E eu sabia que quando entrei nela, eu era
como um vento forte nas suas florestas vazias
dedos sussurrando som
mel derramado
do copo rachado
empalado em uma lança de línguas
na ponta dos seus seios e seu umbigo
e minha respiração
uivando em suas entradas
através dos pulmões doloridos.

Gulosa como gaivotas
ou uma criança
eu balanço sobre a terra
de novo
e de novo.